Ano VIII — Leiria, 13 de Maio de 1930 — N.º 92

(COM APROVAÇÃO ECLESIÁSTICA)

Director e Proprietário: — *Dr. Manuel Marques dos Santos*
Emprêsa Editora e Tip. União Gráfica, *Travessa do Despacho, 16* — Lisboa

Administrador: — *Padre Manuel Pereira da Silva*
Redacção e Administração: Seminário de Leiria

CRÓNICA DE FÁTIMA

PORTUGAL AOS PÉS DE MARIA

Fátima é uma coluna de luz e de fogo: de luz que ilumina as inteligências e de fogo que aquece e abrasa os corações.

Treze anos depois. — A luz divina. — A visão dos pastorinhos. — Do Céu à terra. — A glória da Virgem do Rosário. — Fátima e o mundo.

Treze de maio de mil novecentos e trinta! Faz hoje treze anos que no alto duma serra, em pleno coração de Portugal, se acendeu uma luz bemdita que, depois de ter envolvido a nossa querida Pátria nos seus divinos explendores, começa já a iluminar o mundo inteiro. O relâmpago percursor da celeste Visão que, sulcando o espaço à hora do meio-dia, assustou os humildes e inocentes pastorinhos, assinalava o início duma era nova, cheia de promessas sedutoras e de fagueiras esperanças. A augusta Mãe de Deus, impulsionada pelo seu Coração misericordioso, descia à terra, de que é nobre Padroeira, numa das crises mais graves da sua história, para mais uma vez a proteger e salvar. Na charneca árida e escalvada da Cova da Iria, ela levanta o seu trono de glória e firma nos peitos leais dos portugueses um reinado de bondade e de amor.

Do cimo da colina sagrada, aonde não chegam as ondas revoltas das paixões que dividem e desgraçam os homens, irradia sôbre as almas, sequiosas de verdade e de ventura, feixes de luz, que iluminam as inteligências e ondas de calor, que aquecem e abrazam os corações.

Fátima, a divina cidade da Virgem do Rosário, que a doira com os seus celestes esplendores, é hoje o polo magnético espiritual que tem o condão singular de prender com sua portentosa atracção as atenções e os afectos de todos os crentes em Portugal, na Europa e no mundo!

O retiro espiritual aos servitas. — Procissão das velas, missa e adoração nocturnas. — As peregrinações de Lisboa e da Murtosa. — Os piedosos exercícios do dia treze de abril. — O retiro espiritual da J. C. L. — Estação central de despachos e bagagens.

Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva, ilustre e venerando Bispo de Leiria, instituiu há cêrca de seis anos duas prestimosas colectividades que teem prestado valiosos serviços à Obra do Santuário de Fátima: a Associação dos Servos e a Associação das Servas de Nossa Senhora do Rosário.

Fotografia dos 3 pastorinhos
LÚCIA, FRANCISCO E JACINTA,
tirada a 13 de outubro de 1917
último dia das aparições

Ambas estas associações teem por missão a prática da caridade cristã para com os doentes que vão à Lourdes portuguesa pedir àquela que é chamada a Saúde dos enfermos, a Consolação dos aflitos e a Mãe de Misericórdia, a cura dos seus males ou o confôrto e a resignação de que precisam para levar com mérito para o Céu a cruz do seu doloroso martírio. O recrutamento dos seus membros é feito entre as pessoas de fé viva e piedade ardente, cuja caridade para com o próximo e espírito de sacrifício os levem a sujeitar-se aos trabalhos e incómodos inerentes ao exercício de tão bela como delicada e difícil missão. Mercê da rigorosa selecção a que se procede, estas duas beneméritas colectividades constituem um verdadeiro escol de almas eleitas, que se impõem à consideração pública pelo exemplo das suas acrisoladas virtudes cristãs e, dum modo particular, pela nobre coragem moral, com que porfiam na guerra a tôdas as infiltrações do espírito pagão e na renuncia às pompas e vaidades do mundo.

Tendo organizado recentemente a utilíssima obra dos exercícios espirituais no Santuário de Fátima, depois de construído o Albergue de Nossa Senhora do Rosário, onde ela tem a sua sede, o venerando Prelado de Leiria deu-se pressa em proporcionar aos membros daquelas duas instituições as graças que costumam ser o fruto de tão santa prática.

Assim, por ocasião do Carnaval, houve um turno de exercícios, dirigido pelo rev.do dr. Vaz Serra, em que tomaram parte cêrca de trinta servos de Nossa Senhora. Durante os dias nove, dez, onze e doze do corrente mês, funcionou um segundo turno de exercícios, sob a direcção do mesmo rev.do Sacerdote a que assistiram quarenta servas de Nossa Senhora. No dia dôze, à tarde, chegou a Fátima o Senhor D. José, que foi lá expressamente para presidir ao encerramento do retiro. À noite realizou-se a procissão das velas, a que deu particular realce a presença de duas peregrinações, a da frèguesia do Socorro (Lisboa) e a da frèguesia da Murtosa (Estarreja). À meia-noite fez-se a exposição do Santíssimo Sacramento e recitou-se em comum o têrço do Rosário meditado pelo Senhor Bispo de Leiria, que em seguida celebrou o santo sacrifício da Missa e deu a Sagrada Comunhão. No dia treze efectuaram-se os actos religiosos na forma costumada. Depois da missa dos doentes, ao meio-dia solar, o Senhor D. José deu a bênção com a Sagrada Custódia. Prègou o rev.do dr. Vaz Serra, que começou o seu sermão por soltar três vivas a Nossa Senhora de Fátima, entusiasticamente correspondidos pela multidão, sem dúvida a mais numerosa do corrente ano, e recomendou a devoção à Santíssima Virgem como um dos meios mais poderosos de santificação e salvação. Pôs termo aos actos religiosos colectivos dêste dia a consagração dos peregrinos a Nossa Senhora feita pelo rev.do dr. Marques dos Santos na capela das aparições após a segunda procissão.

Ajudou a fazer o serviço de ordem uma alcateia de lobitos do C. N. S. em número de dezassete, da vizinha frèguesia de Reguengo do Fetal.

O tempo conservou-se esplêndido, o que fêz acorrer a Fátima numerosos romeiros de quási todo o país. Nas imediações do recinto do Santuário viam-se muitos automóveis e *camionettes*.

À tarde principiou o retiro espiritual

da Juventude Católica de Lisboa sob a direcção do rev. P.e Sarreira. No dia onze do mês corrente foi inaugurada a estação central de despachos e bagagens de Fátima, que tem a sua sede entre o Hotel de Nossa Senhora do Rosário e o recinto do Santuário.

Fátima na Espanha. — Fátima na França. — Fátima na Itália. — Fátima na Jugoslávia. — Fátima na Tchecoslováquia. — Fátima na Alemanha. — Fátima no Brasil.

A revista espanhola «Avé Maria» de Manresa, no seu número de Maio último, insere um pequeno artigo subordinado à epigrafe «A Virgem de Fátima», em que dá uma breve notícia das graças espirituais e curas miraculosas que a Virgem Santíssima prodigaliza na Cova da Iria. Acompanha o artigo uma linda gravura representando Nossa Senhora e os pastorinhos.

Outra revista espanhola «Los santuários católicos», de Figueras (Gerona), nos números de Abril e Junho do ano passado, consagra várias páginas à história do Santuário de Fátima ilustrando-as com numerosas e lindas gravuras a côres.

«El Santíssimo Rosário», revista igualmente espanhola, de Vergara (Guipuzcoa), dirigida pelos Padres Dominicanos, em artigo de cinco páginas devido à pena do rev.do Benito Mateos, O. P., e publicado no número de Dezembro findo com o título «Nossa Senhora do Rosário de Fátima», descreve uma viagem que êsse piedoso e ilustrado filho de S. Domingos fez a Fátima em Setembro do mesmo ano e resume a divina história daquele augusto Santuário.

A revista «O amigo de Deus», das Vascongadas, no número de dezembro passado, dedica catorze colunas, ilustradas com gravuras e subscritas pelo rev.do Angelo Jauregi, à descrição pormenorizada dos acontecimentos de Fátima.

A «Revista do Rosário» de S. Maximin (França), dirigida pelo rev.do Frei Luís Marie Baron, da Ordem de S. Domingos, enche as páginas dos seus números de Fevereiro e Março do ano corrente com artigos, notas e gravuras relativas a Fátima. O número de Fevereiro contêm uma explêndida gravura de página representando o Senhor D. José Alves Correia da Silva, Bispo de Leiria, e uma carta do mesmo venerando Prelado endereçada à «Revue du Rosaire». No número de Março, além duma bela reprodução da estátua de Nossa Senhora de Fátima benzida por Sua Santidade o Papa Pio XI e venerada na capela do Colégio Pontifício Português, em Roma, e dum artigo sôbre Nossa Senhora de Fátima na cidade eterna, insere numerosos trechos de cartas de Portugal, França Córsega, Argélia, Bélgica, Itália e Inglaterra, em que os respectivos signatários dão conta do bem produzido pela leitura do folheto «Notre-Dame du Rosaire de Fátima», dado à luz da publicidade pela direcção da «Revue du Rosaire».

Outra publicação francesa «Le Noël», revista hebdomadaria ilustrada para a Juventude Feminina, num artigo da autoria do rev.do Noëllet subordinado ao título «O Noël em Portugal» e ao sub-título «O primeiro Congresso Nacional (1 a 9 de Fevereiro e 1930)» e ilustrado com gravuras, traz um extenso relato da peregrinação noëlista a Fátima, levada a efeito por ocasião dêsse congresso.

A revista bi-mensal belga «A cidade cristã», de Bruxelas, no seu número de cinco de Fevereiro último, publica, sob o título de «Portugal — O renascimento católico» — um artigo transcrito do «Standvard», de dois de Julho de 1929, em que se narram com calor e entusiasmo os acontecimentos de Fátima, especialmente as perseguições, as curas maravilhosas e as grandes peregrinações.

A revista italiana «Stella matutina», no número de Janeiro do corrente ano, a pág. 27, sob a rúbrica «Roma — Congregação Mariana do Colégio Português», faz a largos traços a descrição da festa solene realizada no Colégio Português em Roma no dia oito de Dezembro último, comemorando as bodas de diamante da definição do dogma da Imaculada Conceição de Maria Santíssima. Nêsse artigo alude-se à inauguração da nova capela do Colégio, «a primeira que em Roma e talvez na Itália é dedicada à taumaturga Virgem de Fátima».

No número de Março, com o título «A aparição de Nossa Senhora do Rosário em Fátima, (Portugal), publica, de pág. 92 a pág 96, em tipo miudo e compacto, o primeiro artigo duma série sôbre Fátima, a Aparição e o Sinal do Céu. Acompanha êste artigo uma lindíssima estampa de Nossa Senhora de Fátima, segundo o modêlo existente na capela do Colégio Português em Roma.

O mensário italiano «Maria na família», que vê a luz da publicidade em Alba, dedica as três colunas das duas primeiras páginas do número de Março do ano corrente à história das aparições de Fátima. Êsse longo e primoroso artigo tem o título, que corre ao alto e ao longo da primeira página, de «As maravilhas de Fátima» e é ilustrado com gravuras, entre as quais merece especial referência o mapa corográfico da região em que fica situada a cidade do mistério e do milagre.

O «Mensageiro do Coração de Jesus» da Yugoslávia insere dois artigos, breves mas interessantes, sôbre Fátima, um no número de Maio e o outro no número de Junho do ano próximo findo, subordinados à epigrafe «A Lourdes portuguesa».

O primeiro, que vai de pág. 125 a pág. 127, trata das aparições e o segundo, que ocupa as páginas 157 e 158, decreve a expansão do culto, o movimento das peregrinações e algumas das principais curas miraculosas. Cada um dos artigos é ilustrado com duas nítidas gravuras, das quais a primeira representa Nossa Senhora de Fátima, conforme o modêlo existente na capela das aparições.

Outra revista jugoslava «Gospina Krunica»», no seu número de Janeiro do corrente ano, insere, de pág. 32 a pág. 35, um artigo com o título «Nossa Senhora do Rosário de Fátima», em que faz a história das aparições e transcreve do livro «As grandes maravilhas de Fátima» alguns dos interrogatórios feitos aos videntes pelo autor dêsse livro.

O importante jornal tchecoslovaco de Olmutz «Nasinec», no seu número de quinze de Janeiro findo, dá as honras de fundo a um longo e primoroso artigo intitulado «Fátima». Nesse artigo faz um relato sucinto das aparições, fala da visita de Sua Excelência o Senhor Presidente da República, General Oscar Carmona à Lourdes portuguesa, refere-se a um interessante artigo do «Osservatore Romano», orgão oficioso da Santa Sé, àcêrca de Fátima e descreve finalmente a largos traços a história admirável das peregrinações ao nosso maior santuário nacional.

A revista alemã «Der Sendbote der Hl. Familie», de Betzdorf (Sieg), na sua secção «Através da Igreja e do mundo», inclui uma extensa local sôbre Fátima, em que fala da viagem do rev.do dr. Luís Fischer a Portugal e das suas impressões e se refere em termos que exprimem a mais viva admiração às manifestações de fé e piedade de que é teatro a Cova da Iria.

A revista brasileira «Maria», órgão das Congregações Marianas, no seu número de Novembro findo, publica na primeira página da capa uma estampa colorida de Nossa Senhora de Fátima e de pág. 256 a pág. 259 um primoroso artigo devido à pena do rev.do Joaquim Maria Moreira, S. J., recheado de factos e episódios interessantes relativos à Lourdes portuguesa, entre os quais avulta o das cartas de crianças endereçadas à Virgem do Rosário no seu santuário predilecto.

A pastoral do Senhor Bispo de Leiria. — O inquérito aos acontecimentos de Fátima. — A comissão canónica. — O relatório oficial. — Última sessão da comissão. — Conclusão do processo.

Em mil novecentos e vinte e três Sua Excelência Reverendíssima o Senhor D. José Alves Correia da Silva publicou uma pastoral sôbre os acontecimntos de Fátima. Documento notabilíssimo a todos os respeitos, essa carta do venerando Bispo de Leiria ao clero da sua diocese representa um verdadeiro marco miliário na história da Lourdes Portuguesa. Nela o ínclito Prelado nomeia a comissão canónica incumbida de proceder a um rigoroso inquérito, completo e definitivo, sôbre o momentoso caso de Fátima e de elaborar o respectivo relatório.

Essa comissão acaba de concluir os seus trabalhos que circunstâncias várias tornaram demorados. No dia catorze de Abril findo realizou-se a última reünião da comissão canónica numa das salas do Seminário Episcopal de Leiria, tendo sido lido e discutido o relatório que, depois de diversas alterações e emendas, foi aprovado por unanimidade.

O relatório com todos os documentos que fazem parte do processo foi entregue a Sua Excelência Reverendíssima o Senhor Bispo de Leiria.

O Rev. dr. Luís Fischer, lente da Universidade de Bamberg. — O livro «Fátima, das Portugiesische Lourdes». — A tradução em vernáculo. A edição da «União Gráfica» de Lisboa. — O livro «Die erscheinungen von Fátima». — A segunda peregrinação do rev. dr. Luís Fischer.

Como é já sabido dos leitores da «*Voz da Fátima*», o rev.do dr. Luís Fisher, lente da Universidade de Bambreg (Baviera), é aquele sacerdote alemão que há um ano veio expressamente a Portugal para assistir às grandiosas manifestações de fé e piedade de que no dia treze de Maio foi teatro a Cova da Iria. Êsse ilustre professor, que tão edificado e comovido se mostrou com as scenas verdadeiramente celestes de que foi testemunha nesse dia inolvidável, descreveu as impressões da sua viagem a Portugal e da sua estada em Fátima numa série de brilhantes artigos publicados no jornal alemão «Das Shildwache» e reünidos depois em volume com o título de «Das Portugiesishe Lourdes».

A primeira edição, de que se fez uma tiragem de dez mil exemplares, esgotou-se ràpidamente, saindo alguns meses depois a segunda edição, também de dez mil exemplares. E' a versão para vernáculo dessa magnífica brochura, calcada sôbre a segunda edição, que aparece agora no mercado literário do nosso país, em esplêndida edição da «União Gráfica», de Lisboa, com o título «Fátima, a Lourdes portuguesa». A tradução, confiada pelo venerando Prelado de Leiria à pena culta e erudita do rev.do dr. Sebastião da Costa Brites, ilustrado e zeloso pároco da frèguesia da Sé, da cidade do Lis, não desmerece em nada do original, cujos primores de estilo consegue trasladar com perfeição, a-pesar das dificuldades inerentes a um trabalho desta natureza, mantendo ao mesmo tempo sempre vivo o interesse e o encanto da narrativa. Os primeiros exemplares foram postos à venda no princípio do corrente mês de Maio, ao preço de cinco escudos cada exemplar, revertendo todo o produto líquido da venda a favor da Obra de Nossa Senhora de Fátima.

A propósio desta nova publicação, convém dizer que o rev.do dr. Fisher prepara um segundo livro da sua autoria, subordinado à epígrafe «As aparições de Fátima», estando a reünir para êsse fim os materiais indispensáveis com o zêlo operoso e indefesso e a paciência beneditina própria dum historiador alemão.

Êste ilustre sacerdote, a quem a causa de Fátima e portanto a da nossa Pátria já deve relevantes serviços, tenciona, segundo consta, voltar brevemente a Portugal, afim de visitar de novo os lugares santificados pela presença e pelas bênçãos da Raínha do Santíssimo Rosário e colher pessoalmente os elementos necessários para os seus trabalhos sôbre as aparições e as curas maravilhosas.

Visconde de Montelo

AS CURAS DE FATIMA

Tumor.

«Ex.mo Snr.

Póvoa de Varzim, 10-IV-930

Sei que no jornal *A Voz da Fátima* de que V. Ex.ª é digno redactor, se publicam os milagres e graças, que a Imaculada Virgem, Nossa Senhora, generosamente vai prodigalisando, aos que, em momentos angustiosos, totalmente desamparados de protecção humana, a invocam, humilhados e contrictos, como verdadeiros crentes no alto valimento d'Aquele, que atravez os seculos vem sendo apelidada de «saúde dos enfermos» e «consoladora dos aflitos».

Eis a razão pela qual me atrevo a escrever-lhe a presente carta, sem ter o prazer de o conhecer, para lhe pedir a publicação senão desta, visto que não quero tomar espaço no apreciado jornal, pelo menos da notícia, que passo a expôr:

No último verão adoeceu aqui, em minha casa, minha filha Julieta, esposa do Dr. Joaquím Tôrres da Costa Reis, com um abscesso no seio direito, que se apresentou com tão mau caracter, que os tecidos se desfaziam corroídos pela gangrena, que lavrava. Após uma conferência médica, em que interveio um distinctissimo lente da Escola Médica do Porto, e uma das maiores competências, que conheço, o caso foi dado como gravíssimo se uma operação cirúrgica, a que devia proceder-se in-continente, não viesse a tempo de travar o avanço do mal, que ia lavrando.

— Foi nesta situação aflitiva, que fechado no meu aposento, me dirigi à bondosa Medianeira de tôdas as graças, para que fizesse o milagre, restituindo a saúde àquela minha filha, já a uma morte prematura condenada. Pois bem: — o milagre deu-se; a minha debil voz foi ouvida pela soberana Raínha do Céu e da Terra, e dentro de poucos dias a esperança de cura raiava, e o estado perigoso da doente tinha desaparecido. Fez a operação no dia seguinte, não sendo sequer preciso proceder à extracção do seio gangrenado, e dentro de um mês, ou pouco mais, a cicatrização tinha-se operado.

Aqui venho, pois, pedir-lhe a publicação deste grande milagre, desta explendida graça, assim obtida, de acordo com o voto feito; e isto, não só para edificação de crentes, como também, por ventura, para conversão de incrédulos.

Agradecendo desde já subscrevo-me com tôda a consideração

De V. Ex.ª

M.to att.o ven.or e obrg.o

Delfim Martins Flores

(Dezembargador da Relação do Porto)

Uma graça.

P.e Albino Soares de Pinho, de Beduido (Estarreja) em carta de 5 de dezembro último, diz o seguinte:

«Enviando os meus cumprimentos muito sinceros, pedia a V. Rev.ma a subida fineza de publicar no jornalsinho *A Voz da Fátima* uma graça extraordinária obtida por intermédio de Nossa Senhora do Rosário de Fátima. Encontrando-me um dia numa séria dificuldade, carecendo de que a Virgem me alcançasse de seu Divino Filho uma graça singular de ordem espiritual que não julgo necessário especificar aqui, invoquei Nossa Senhora de Fátima com tôda a confiança de que era capaz, certo de que minhas pobres preces seriam ouvidas por uma Mãe que tanto vela pelos seus filhos.

Felizmente, após bastante tempo de orações e também de prova, fui ouvido, a minha súplica foi atentida. Por êsse motivo venho cumprir o voto que havia feito ao impetrar o favor especial do Céu que me foi concedido embora imerecidamente e ao mesmo tempo testemunhar à Raínha dos Anjos e dos homens a minha infinda gratidão e a minha homenagem de acrisolado amor, confessando-me seu filho ainda que muito indigno.»

Uma grande doença.

Isabel dos Santos, de Chaves em carta de fevereiro escreve:

«À minha Mãe misericordiosíssima quero erguer a minha voz humide, bem alto, para proclamar a infinita misericórdia, bondade e amor de nossa Mãe querida, N. S.ª do Rosário de Fátima, para com os seus desgraçados filhos; para que todos que tenham aflições, recorram a Ela cheios de confiança, porque Ela ouve-nos apesar-da nossa indignidade.

Sofrendo havia cinco anos duma grande doença e tendo recorrido a vários médicos que me trataram bastante tempo, e como vissem que era impossível assim curar-me, aconselharam-me a ir fazer uma operação, que diziam ser muito melindrosa, e como fiquei muito aflita, recorri à Santíssima Virgem de Fátima pedindo-lhe que me curasse.

Iniciei uma novena e resando o terço e tomando a milagrosa água de Fátima, comecei notando grandes melhoras e hoje graças à Virgem Santíssima encontro-me curada.

Fiz as minhas promessas entre elas publicar esta graça se a obtisse por sua intercessão.

Difeteria.

Maria do Carmo Prata, de Lisbôa (avenida Almirante Reis n.º 62-5.º) em carta de maio de 1929, escreve o seguinte:

«Segundo a promessa que fiz, venho pedir a V. Rev.ª se digne publicar no jornal de Fátima, a cura de uma filhinha minha, Rita de Cássia Pina Martins Prata, de 6 anos de idade, por intermédio da SS. Virgem de Fátima.

Estando minha filha muitíssimo mal, num estado por assim dizer letárgico, e sem tirar resultado algum dos medicamentos que lhe haviam sido prescritos, no auge da minha aflição, invoquei a SS. Virgem de Fátima, e, num momento em que minha filha me fixou, disse-lhe para recitar a invocação: «N. Senhora de Fátima curai-me.» enquanto simultâneamente lhe dava a beber uma colher da água miraculosa de Fátima.

Oh! prodigio! Imediatamente começa a melhorar e a ter consciencia das coisas.

Foi tão palpavel a intervenção da SS. Virgem, que algumas pessoas de família, ignorando ainda a graça que N.ª Senhora nos havia dispensado, admiravam-se imenso duma transição tão brusca na marcha da doença, e postas ao facto do que se havia passado, entoaram louvores à SS. Virgem, que é e será sempre, Mãe de Misericórdia e a Consoladora dos aflitos.

Cheia pois de gratidão, venho tornar pública a graça que a S. Virgem pela sua Misericórdia me concede, chamando à vida à minha filha, quando na minha grande dôr procurava resignar-me, a vê-la brevemente voar ao Céu.

Depois disto, já a SS. Virgem se dignou lançar outro olhar de Misericordia, sôbre um outro filhinho meu, Francisco Xavier Pina Martins Prata, de 3 anos de idade, livrando-o dum renitente bacilo de difeteria.

Tinha feito durante alguns mêses vários tratamentos á garganta e repetidas analises, que davam sempre positivas, pelo que, já verdadeiramente desanimada com a ineficácia dos tratamentos, comecei com algumas pessoas de família uma novena a N. Senhora de Fátima. Terminada esta mandou-se novamente fazer-lhe a análise e graças à SS. Virgem, deu negativa.

Recentemente, mais uma vez a SS. Virgem me valeu numa grande aflição, e como nessa ocasião prometi assinar a *Voz da Fátima* se N. Senhora se dignasse ouvir as minhas pobres petições, rogo a V. Rev.ª o obséquio de me contar no número dos assinantes da *Voz da Fátima*.

Por tantas graças imerecidamente recebidas, entôo um hino de amôr e gratidão à SS. Virgem, e o meu maior desejo seria, que a humilde publicação das referidas graças lançasse ao menos, uma centelha de amor e confiança para com a SS. Virgem, nalguma alma que sofre e está invadida pelo desânimo.»

Duas otites.

Gracinda dos Santos, de Matozinhos, em carta de 12 de abril de 1929, informa o seguinte:

«Decorria o mês de Janeiro de 1926. Meu filho José, de 12 anos, foi atacado de gripe da qual resultou uma otite no ouvido direito (médio).

Bastantes dias decorreram cheio de febre e de dores agudas. Por indicação do médico assistente foi a criança transportada num automóvel a um especialista da cidade do Pôrto. Receitou um medicamento exterior e; se por acaso nada fizesse, teria de ser submetido a uma melindrosa operação.

No regresso a casa, encontrou-se muito mal, marcando o termómetro 41.º parecendo que meu filho estava nos últimos dias de vida.

Aflita por o ver tão doente, recorri a Nossa Senhora de Fátima.

E em tão boa hora que meu filho começou a melhorar e no dia seguinte estava quási curado!

Prometi dar publicidade dêste milagre na *Voz de Fátima*. Só hoje o faço. Ela me perdoará, pela sua bondade, o conservar por tanto tempo oculta esta dádiva da Virgem Maria, na qual manifestou o seu poder e a sublimidade da sua alma cheia de pureza e de piedade.

* *

António Carreira Bernardino, do lugar do Tubaral, frèguesia da Caranguejeira (Leiria) foi atacado de *otite media aguda* (conforme atestado do snr dr. Alberto) de que sofreu durante dois meses (7 de de janeiro a 7 de março de 1928) chegando a um estado tal que perdeu a vista e esteve na eminencia de uma operação na cabeça. Recorrendo à intercessão de Nossa Senhora da Fátima cessaram as dôres e o médico reconheceu que já não era necessária a operação e agora encontra-se sem defeito, de perfeita saúde, contra a opinião médica.

Tuberculose.

Silvina da Conceição, solteira, moradora no lugar do Casal Viegas, frèguesia de Ancião, encontrou-se bastante doente. Consultou vários médicos que constataram a gravidade do seu mal, tendo-se inclinado que estaria a ser atacada pela terrível tuberculose. Durante bastante tempo andou a ser tratada por eles sem obter melhoras. Recorreu então à valiosa intercesão de Nossa Senhora de Fátima, prometendo ir lá três meses seguidos em agradecimento. Nossa Senhora ouviu-a. Em breve se sentiu curáda. E agora que está prestes a terminar o cumprimento do seu vóto, vem tornar pública a sua gratidão a Nossa Senhora, muito desejando que seja publicado no jornal da Fátima.

Ancião 11 de setembro de 1929

Silvina da Conceição

Atesto que é verdade o que nesta exposição se afirma.

Ancião, 11 de Setembro de 1929

O Prior

P.e Manuel Maria Gaspar Furtado

Tumores suspeitos.

O Capelão da Casa de Saúde da Idanha — Belas em carta de 21 de abril de 1929, diz:

«Venho por êste meio agradecer a Nossa Senhora da Fátima diversas graças que me tem feito.

Haverá dois ou três anos que me apareceu no lábio inferior um caroço já muito saliente, e eu muito apreensivo voltei-me para Nossa Senhora de Fátima pedindo-lhe com muito fervor a graça de mo tirar. No dia seguinte mostrei ao Sr. Dr. Borges d'Almeida, um dos médicos desta Casa de Saúde e êle depois de examinar não encontrou nada; efectivamente tinha desaparecido.

Mais tarde apareceu-me no céu da boca também um caroço bastante crescido, voltei-me logo para Nossa Senhora de Fátima e passadas 3 ou 4 horas já havia desaparecido. Mais tarde aparece-me um outro caroço no céu da boca já muito grande; recorri com muito fervor a Nossa Senhora de Fátima e ao acordar de noite já havia desaparecido. Finalmente agradeço mais uma outra graça que Nossa Senhora de Fátima e Santa Teresinha do Menino Jesus me fizeram curando-me duma grave enfermidade sem o auxílio de qualquer médico.»

De V. Rev.ma M.to Att.º e obrig.mo e humilde servo in C. J.

Capelão da Casa de Saúde da Idanha-Belas

nha doença! Ainda para mais, tantos médicos que me viram nenhum dava com a razão das dôres que tinha nas pernas e contudo desde que o especialista me examinou, disse logo em que consistiam, e que era necessário uma operação.

Devo adverti-la (e nisto é que se funda o milagre) *que êste médico, não foi procurado por nós, pois nem sabíamos que existia, nem é médico que tenha muita fama, pois devido a ser muito rico não exerce clínica a-pesar-de ser muito entendido.* Tivemos conhecimento dêle por uma conversa com umas pessoas conhecidas e essas com um médico que lhes disse, se me não curasse êsse tal especialista, nenhum outro me curaria em Granada! E assim foi que a Virgem de Fátima operou o milagre!

Também devo dizer-lhe que o médico que me operou (que não foi o especialista) antes de operar-me preguntou aos meus Pais e a mim mesma, se estávamos dispostos a tudo, porque êle não podia responder por tão delicada operação, por ser a primeira que se fazia desta índole, e ao ver a nossa conformidade, não poude deixar de mostrar a sua extranheza ás Irmãzinhas do Sanatório, e era porque êle não sabia a confiança tão grande que nós tínhamos em Nossa Senhora de Fátima.

Digo-lhe mais que numa revista médica foi publicada a minha operação.

Trago sempre comigo a medalha, e propago quanto posso a devoção à Virgem de Fátima».

Dores insuportaveis.

Florencia Marques, da Lameirinha, frèguesia de Abiul (Pombal) diz que em março de 1925 depois de uma constipação sobrevieram tais complicações e a tal estado chegou, que (diz ela) se visse pegar fogo à cama não poderia acudir. Debalde consultou vários médicos. As dores eram insuportaveis e iam aumentando cada vez mais e assim esteve três anos.

Lembrou-se de recorrer a Nossa Senhora de Fátima prometendo fazer oito comunhões seguidas, cumprir algumas promessas de joelhos e ir a Fátima agradecer a N. Senhora, que começou a realizar em 11 de outubro de 1928.

Logo que começou a viagem sentia reanimar-se cada vez mais de forma que logo começou a comer e beber e sentia-se curada ao chegar a Fátima, não voltando a sentir os antigos incomodos. Deseja por êste meio testemunhar à Mãe do Céu tôda a sua gratidão e mais profundo amor.

FÁTIMA a Lourdes Portuguesa

Impressões de viagem pelo Doutor LUÍS FISCHER

Professor da Universidade de Bamberg, (Alemanha)

Tradução do Rev. SEBASTIÃO DA COSTA BRITES, pároco da Sé Catedral de Leiria

Preço 5$00

Êste livro muito interessante, cuja primeira edição alemã de 10.000 exemplares se esgotou na Alemanha em 4 meses, encontra-se à venda na **UNIÃO GRÁFICA, Travessa do Despacho, 16 — Lisboa,** na **VOZ DE FÁTIMA,** em **Leiria** e no **SANTUÁRIO DE FÁTIMA.**

Complicações várias.

Mercedes Hernandez, de Granada (Espanha) atribue a uma grande protecção de Nossa Senhora de Fátima o bom resultado de uma operação. Eis como ela se exprime em carta dirigida à Rev.da Madre Vilar de Jesus de Luque:

«Antes de mais nada, muito lhe agradeço a coragem que me dava para que confiasse em Nossa Senhora de Fátima, e que invocando-a com muito fervor alcançaria dela as melhoras! Realmente foi um milagre o que se passou comigo! Pois supunha que depois *de estar 9 meses de cama*, fazendo tudo quanto o médico mandava, eu não sentia alívio algum, e logo que me operaram, ainda que pouco, estou melhor e sobretudo a doença não tem adiantado! Segundo o que o médico me disse, se não fizesse a operação dentro de 2 ou 3 anos, ficaria paralítica. Só pensar nisto me horrorisa! Por isto estou plenamente convencida que a Santíssima Virgem foi quem iluminou os médicos para que compreendessem a mi-

O que um terço faz...

Alegre, de sorriso perene nos lábios ou pronto a aflorar ao primeiro convite, o Doutor Simões era o amigo preferido duma larga roda de cavalheiros a quem êle sinceramente queria também.

Médicos, advogados, magistrados, empregados públicos, comerciantes, lavradores — todos o estimavam muito.

Pelas aldeias tinha êle muitíssimas simpatias.

Um ou outro não se esquècia até de exteriorisar êsses sentimentos duma forma palpável enviando-lhe algum presente de tempos a tempos.

Só visto prendia. De estatura média, cheio sem exagêro, corpo bem conformado, tez morena, olhos grandes e meigos o Doutor Simões era realmente o homem de quem a natureza com os seus dotes e a educação com o esfôrço tinham feito o tipo completo do cavalheiro delicado sem pedantismo.

Mas, tratado, falado, o Doutor Simões tornava-se encantador.

Sociável sem descer da sua posição, dando-se com todos sem ser de ninguém, amigo leal sem familiaridades comprometedoras, era de há anos uma das figuras de maior relêvo no pequeno meio provinciano onde viera fixar residência com sua esposa. E merecia-o na verdade.

* * *

Quatro anos após a sua vinda começava de notar-se uma pequena nuvem que sem aumentar, não conseguiu desaparecer nunca mais.

Cada vez se notava melhor a realização daquele ditado: «não há bela sem senão».

Havia alguma coisa que desconsolava os seus amigos e empanava um tanto aquele fulgor de alegria que de princípio, lhes iluminava o rosto ao falarem dêle.

— Mal empregado!... E' pena!... ouvia-se a cada momento pelas povoações visinhas sempre que se falava nele.

— Mas então o que há?...

— O Doutor Simões não é católico. Até parece impossível como um homem daqueles não pratica.

— Mas isso é certo?

— Infelizmente. A princípio não acreditei, informei-me minuciosamente e, afinal, vim a reconhecer que é verdade. Não persegue, não ataca mas não defende nem pratica. Tenho pena dêle. Só lhe falta isto para ser um homem às direitas.

... ...

Esta conversa tive-a um dia com um sánto homem (levou-o Deus o ano passado) um tipo antigo de aldeão, inteligente, apegado à sua terra e à sua Fé — homem sem cultura literária ou scientífica mas dotado de muito senso prático.

Pela boca dêste falavam quási tantos quantos eram os seus amigos sinceros (que a dizer a verdade um ou outro havia que gostava de o ver assim).

* * *

Como chegara êle até ali? Se na sua terra recebera dos pais uma educação primorosa que a instrução e o exemplo deviam ter tornado indestrutível...

Se os rapazes da sua idade, com quem brincara em criança, estavam firmes na posse da crença herdade de seus avós...

Estudos profundos?

Cultura mais vasta?

Mais largos horizontes intelectuais?

Aos onze anos entrara num colégio de grande nomeada e ali com a formação literária recebera também num estudo metódico o conhecimento das bases nacionais da Fé. Desde então sabia bem porque cria e estava em casos de se defender contra a incredulidade.

E foi exactamente então que êle se viu arrefecer.

Passaram-se anos, não sei quantos, e trocou as salas do colégio pelas aulas da Universidade.

Longe dos pais, dos amigos, dos mestres queridos o coração foi-se esquecendo dêles.

Longe da vista longe do coração...

No cantito de jardim que às vezes cultivo por desfastio sei, por experiência, que não é ao nascer, que as plantas precisam de amparo mas quando, já a desenvolver-se, podem ser derribadas pelo vento que sopra rijo.

E as almas são plantas que o Senhor dá a cultivar no jardim da Igreja.

Deixar uma alma só, quando as paixões surgem e o demónio a ataca na pessoa dos maus companheiros é preparar-se para ver quebrada a haste viçosa duma açucena.

A cada passo se nos depara ante os olhos êsse espectáculo triste duma juventude ceifada em flor.

Passaram-se os anos.

Casou. Mas a virilidade e a consciência de novas responsabilidades não lhe deram a fôrça de quebrar esse ambiente morno que o não deixava levantar a cabeça diante dos colegas de outrora para dobrar o joelho humildemente diante do Senhor.

Almas dedicadas a quem o sangue falava forte juntavam-se à espôsa para fazerem subir uma prece contínua ao trono de Deus. Mas êsse trono parecia inacessível.

Tôda a liberdade para os seus.

Mas êle sempre na mesma.

A mulher confessava-se e comungava com relativa freqüência.

Os filhos cumpriam à risca os seus deveres religiosos. Era êle até quem lhes ensinava o catecismo.

Mas a espôsa queixava-se, em vão, de que não lhes desse o melhor ensino: o do exemplo.

E os filhos notavam-no e o mais novo chegou um dia a dizer-lhe:

«O paisinho porque não vem comnosco à Igreja?»

A situação era difícil. A censura que Deus lhe fazia pela boca dum inocente, seu filho, era pungente.

Mas o respeito humano era mais forte ainda.

Só um empurrão da graça o poderia levar como a São Paulo.

* * *

Naquele dia levantou-se bem disposto como sempre mas nos modos, no todo transparecia um quê de singular.

Resolvera ir à Fátima e levar consigo tôda a família.

Era por isso?

Não. Tanta vez lá tinha ido já.

O espectáculo grandioso das peregrinações, o movimento deslumbrante daqueles rios de fôgo a deslizar à noite pelas avenidas e a subir sempre das almas para Deus; os milhares de comunhões tão devotas, tão sentidas; as invocações inflamadas, a escaldar os lábios de sãos e de doentes e a orvalhar o rosto de tôda a gente tudo o que de mais singular caracterisa o movimento da Fátima, de tanta vez o contemplar tornara-se-lhe já familiar sem contudo lhe penetrar o fundo da alma.

Não, não era isso pela certa.

Quando de manhã foi saudar a espôsa, com um beijo grande que lhe depôs na face, disse-lhe ternamente:

«Hoje vou-me confessar na Fátima se achar a quem».

* * *

Partiram.

Quando após a confissão seguia acompanhado da espôsa e dos filhos para a mesa da comunhão, olhei-o longamente.

Do que se passou não sei. Mas o Doutor Simões não era o mesmo.

Brilhava-lhe no rosto alguma coisa mais do que o velho sorriso.

A luz da graça divina que lhe ornava a alma transparecia-lhe nos olhos, nos lábios, em todo o rosto.

A espôsa acompanhou-o como quem acompanha o seu menino.

Comungaram. E enquanto, de joelhos, dizia talvez a Deus com São Paulo:

«Senhor, que quereis que eu faça?» sentiu dentro de si tôda a inefável e invisível beleza da Fátima e deixou inadvertidamente escapar umas lágrimas que depôs aos pés da Virgem Santíssima.

Mais do que nunca então se sentia feliz.

Agora levantava a cabeça, procedendo como entendia e como devia.

Agora, prostrado diante de Deus a Quem tinha igualmente dentro de si...

* * *

De passagem, como por acaso, soube que todos os dias rezava o terço com a família.

Estava ali todo o segrêdo.

Ocorreu-me então aquilo de São Bernardo:

«Lembrai-vos ó piíssima Virgem Maria que nunca se ouviu dizer que algum daqueles que teem recorrido à Vossa protecção, implorado a Vossa assistência, reclamado o Vosso socôrro fôsse por Vós desamparado».

E confundido com a multidão agradeci a Deus e disse de mim para mim:

Ora aí está o que um terço pode fazer.

Leiria, Abril 1930.

Galamba de Oliveira

Voz da Fátima

Despêsa

Transporte	202.972$25
Papel, composição e impressão do n.º 91 (55.000 exemplares)	3.052$00
Franquias, embalagens, transportes, gravuras, cintas, etc.	808$30
	206.833$55

Donativos vários

Visto não ser possível registar aqui todas as quantias enviadas pelas assinaturas (o mínimo de dez escudos por ano) vemo-nos forçados a publicar só algum donativo mais avultado.

Mário da Silva Jordão, dezeseis e meio dólares; Maria das Dores Tavares de Sousa, 110$00; D. João de Portugal, 100$00; Luciano de Almeida Monteiro, 211$00; Margarida Lopes da Silva, de Espozende, 395$00; Zulmira Galhardo, 85$00; P.e S. S. da Cunha (donativos de 42 pessoas, de Tete, na Africa), 1.070$00; Joana dos Santos Serena, de Ilhavo, 160$00; P.e Manuel Vieira Ribeiro, 30$00; Carmen de Almeida, 344$00; Glória de Jesus, 50$00; Inácio Alves Dias, 50$00.

Como rosas...

«Mês de encantos e de flores» *lhe chama um poeta e Maio pode orgulhar-se de tal nome.*

A natureza cobre de galas a nossa terra.

Desde a campina à serra tudo verdeja e floresce com milhares de tons e de matizes que não cansam.

O trinar dos passarinhos vem dar a êsse quadro de singular beleza campesina uma nota viva de movimento que completa o encanto.

E as almas piedosas com a Igreja consagram amorosamente êste mês à Virgem Santíssima.

Maio é o mês de Maria.

Como a Igreja é mestra e a piedade, fonte da mais subida poesia!

Altares monumentais de vélhas igrejas, capelas acolhedoras das nossas aldeias, singelas e brancas ermidas das encostas montanhosas e sertanejas são neste mês objecto de carinho singular.

Basta que, no alto, sorria a imagem de Nossa Senhora e logo os cantos ecoam ternos e melodiosos a perfumar de piedade a alegria universal.

Mãos brancas de damas gentis com flores caras das suas estufas, mãos calosas e tisnadas de raparigas esbeltas da aldeia com os cravos e rosas do seu canteiro e, até com flores do mato, as da pastora serrana ágeis de tanto fiar, entretecem grinaldas para a Virgem e dispõem ramos ao redor da Sua imagem.

E a Virgem sorri-lhes bela a emergir dum tufo de verdura e flores, cercada de luzes.

E quem lhas põe ali sente-se feliz e guarda por tôda a vida a lembrança saudosa de tal ocupação.

Mas as rosas murcham depressa...

Urge substituí-las.

E' tão lindo ver um altar ornado de flores naturais sempre frescas, sempre viçosas!...

... ...

Há um género de flores que não murcham nunca. Colhei-as para a Virgem.

Durante o Mês de Maio não vos esquèçais de ir misturando nos vossos ramalhetes uns liriositos de mortificação.

A imaginação tão louca, os sentidos irrequietos, as paixões que se insurgem: tudo pede o freio da modéstia e da mortificação cristã.

A açucena é tão linda!...

E a açucena é o símbolo da pureza.

Quando tantos com más companhias e más leituras se poluem, quando tantas, escravas duma moda infernal, se expõem e despem impudicamente, levai à Virgem a alvura imaculada da vossa pureza.

As rosas...

Sim, a rosa é a raínha das flores.

E é também o símbolo do amor.

Amor puro, santo, cristão, tende-o a tudo o que em Deus se pode amar.

Amai os pobrezinhos, os humildes, os oprimidos e socorrei-os.

Amai os pecadores, as almas transviadas e orai por elas.

Amai os vossos pais, filhos e irmãos e sacrificai-vos por êles.

Amai a Santa Igreja e honrai-a com a vossa vida irrepreensível.

... ...

As rosas passam dos jardins para irem murchar e morrer pétala a pétala no altar do Senhor.

Para o altar invisível do holocausto colhe Deus, como vítimas que o ornem e o perfumem, as almas.

Assim é que há almas que florescem em exemplos magníficos de dedicação pelo próximo.

Outras a ocultas mandam-lhe o perfume duma vida de sofrimento que só Êle conhece: sofrimento na vida de família, no abandono do cônjuge, na tirania dos pais, na desrespeitosa insubordinação dos filhos.

Mas há outras a quem Deus quere a imolar-se mais junto de Si.

Almas a quem Êle tira do mundo, não se lhes empane o brilho, para lhes aspirar a fragrância.

E essas almas sentem-se felizes em ser só de Êle, em passar a vida breve, como rosas aos pés de Deus.

Se o Senhor vo-lo pede sêde também... **como rosas** *mas rosas dignas dÊle!*

MÁQUINA INTERESSANTE

«Deus não é cá preciso para nada», dizia um pretencioso e ainda mais ignorante caixeiro viajante a um camponês. «A sciência explica tudo (dizia êle), faz coisas verdadeiramente extraordinárias».

— Lá isso é verdade, responde o outro aparentando estar muito convencido. Ora quere o senhor saber?

Ainda há dias vi uma máquina realmente admirável! Metia-se-lhe um braçado de feno por um lado e saía do outro uma bilha de leite!

— Ora aí tem o senhor!...

— Só o que tem é que esta máquina não foi a sciência que a inventou.

Chama-se uma... vaca.

Um espírito forte...

Tal qual um botãosinho de rosa quási oculto na folhagem, dormia o pequerrucho meio sumido entre rendas e cambraias; a respiração ténue, de uma serenidade ideal, soerguia-lhe brandamente o peito; e na face de anjo espelhava-se uma calma indefenível; di-lo-íamos o desabrochar de um sorriso do céu sôbre a terra.

A ama, que em breve o ia tomar nos braços, contemplava-o embevecida, emquanto a mãe, senhora aínda nova, recostada no leito se desfazia em recomendações e carinhosas súplicas.

Mal acabava de repetir várias vezes as mesmas coisas, sublimes na sua simplicidade, começou o pai:

— Não sei se sabem que estou decidido a não deixar baptizar o pequeno... ¿ouvem bem o que eu digo?... Estou muito empenhado em o não deixar baptizar...

A ama teve um gesto espontâneo de sobressalto.

— Sim, senhor, tornou êle, alçando a voz, não admito que se disponha assim da consciência dum ser humano sem prévio consentimento seu.

Mais tarde, quando fôr homem e tiver adquirido as suas convicções filosóficas, então poderá pedir o baptismo... se muito bem o entender...

A boa da ama ouvia de olhos baixos aquele arrazoado; mas ninguém lhe surpreendeu um sorriso — (não sei se de compaixão, se de ironia) — que lhe franziu momentaneamente os lábios... Apenas se lhe ouviu dizer num tom submisso:

—Está bem, meu senhor... está bem.

E depois de oferecer o néné, pela última vez, aos beijos sequiosos da mamã saíu do quarto...

* * *

Decorreram meses sem novidade.

Todos os domingos, papá e mamã tomavam o comboio e íam visitar, à casa da ama, o anjinho de graciosas fitas, que já abria agora os seus encantadores olhos de esmeralda, ria cheio de graça ao avistá-los, e, à medida que se lhe aproximavam, agitava radiante para êles os bracinhos rechonchudos.

No dia seguinte quando abriam a loja (Armazém de cristais e porcelanas) tinham a ilusão de que tudo ao redor se iluminava de alegria: os cristais caprichosos da Boémia irisavam-se em revérberos palpitantes, os jarrões da China respiravam louçania e ventura, assentes na firmeza de suas bases, e até as rumas de pratos, tão monótonos em sua frialdade rígida, pareciam reflectir um pensamento de esperança.

A senhora Forjado em plena floração da maternidade, ia sentar-se à secretária, sentindo vibrar no íntimo da alma um diapasão a uníssono com o ar jubiloso do recinto.

Entretanto o marido, que estava tomando o seu tónico no café vizinho, repetia pela centésima vez em meio de uma roda de admiradores: «eu é que não consenti que baptizassem meu filho: não tolero que se disponha assim da consciência dum ser humano, sem prévio consentimento dêle... Lá mais tarde... etc.»

* * *

Mas a felicidade humana... um imprevisto vento a trouxe, um inesperado vento a leva...—

Certa manhã a senhora Forjado encarou no jornal com esta local:

«Casos de bexigas em Vila Franca.»

¿Em Vila Franca!? Mas então é a dois passos de aqui! ¿E fôsse embora lá nos confins da Europa, por ventura importam-se lá os micróbios traidores com fronteiras? E não é verdade que sendo, como realmente são, uma poeira invisível, se podem propagar ràpidamente pelo vento até às regiões mais afastadas?...

Já não pensou mais em si nem no marido...

O pensamento desvairado voou-lhe súbitamente ao bêrço estremecido, onde dormia o inocente que era as delícias da sua vida...

E já o considerava vítima daquela hedionda enfermidade: parecia-lhe ver o rosto de linhas tão mimosas a inchar, a inchar com borbulhas supurantes... os olhos de esmeralda a apagarem-se numa angústia inexprimível e a agitar em desespêro os bracinhos, como a rebater um pesadêlo aterrador.

Então com uma voz sacudida chamou o empregado do armazém.

— ¿Justino?

— Minha senhora!

— Vai chamar imediatamente meu marido.

Êste veio, mas visìvelmente contrariado, porque nunca levara a bem que o viessem interromper em pleno triunfo oratório.

Muito decidida, porém, preguntou-lhe ela:

— ¿O pequeno já foi vacinado?

A pregunta colheu-o desprevenido; compreendeu porém quando a mulher lhe apresentou o jornal, e para logo foi êle quem tomou a ofensiva:

— ¿Então não fizeste essa recomendação à ama?

Ora se não! quantas vezes lho tinha ela recomendado; mas... afinal não tinham recebido aínda, a êste respeito, a mínima notícia, e por sôbre isto não haviam examinado com os próprios olhos, no bracinho de neve, as costumadas cicatrises.

Ali andava coisa com certeza!...

E dominados ambos pela mesma ansiedade disseram quási a um tempo:

— É preciso tratar disto quanto antes.

A senhora Forjado olhou para o marido, o qual interpretando nêste olhar um desejo, declarou, abotoando o sobretudo: saio imediatamente a informar-me.

* * *

Quando chegou a casa da ama, embalava ela a criança ao ritmo daquelas toadas monótonas, com que as mães costumam convidar o anjo do sôno a pairar sôbre as pálpebras dos seus nénés.

Um relance de olhos para o pequeno, já adormecido, não o sossegou inteiramente: são tão traiçoeiros êstes males!... E dirigindo-se à ama:

— A senhora manda-me saber se o pequeno já foi vacinado.

Ela porém torcendo a resposta e num tom de surpreza:

— V.ª Ex.ª disse-me muitas vezes que era preciso esperar pelo consentimento do menino...

— Mas isso era para o baptismo!...

— Bem o sei! como porém, a meu ver, o baptismo é mais importante que a vacina, julguei que devia proceder com ela do mesmo modo.

O sr. Forjado encontrava-se demasiado oprimido para se exasperar, e, visìvelmente perturbado, retorquiu:

— ¿Com que então meu filho aínda não está vacinado?

A provinciana ficou silenciosa por alguns instantes... e logo com voz firme:

— Está sim, meu senhor, pode sossegar que já está!... porque eu não compreendo nada dessas patacoadas que para aí dizem agora. No meu tempo dizia-se: as crianças não podem cuidar ainda do seu bem; compete-nos a nós tratar dêle em seu lugar.

E ao dizer estas palavras arregaçou a manga da criança e descobriu os sinais da vacina.

O sr. Forjado aliviado de um pesadêlo, respirou profundamente, esboçou um sorriso involuntário e... só lhe ficava uma ponta de curiosidade.

— Aposto que também o baptizaste.

— E' claro que baptizei.

— Vá lá, vá lá... fizeste bem!

E convencido finalmente da falsidade das suas teorias criminosas, e todo entregue à alegria de ver seu filho a resguardo dos perigos da alma e do corpo, o sr. Forjado foi depositar na fronte adormecida da criança um beijo carinhoso.